

A quem interessa terceirizar?

Com toda a certeza, a terceirização não interessa aos trabalhadores e nem ao Brasil. Ninguém trocava a condição de empregado para virar terceirizado. Porque seria abrir mão de direitos e conquistas históricas do movimento sindical previstas em convenções e acordos coletivos. Muitos terceirizados sequer possuem os direitos garantidos na CLT diante dos calotes de empresas picaretas, da alta rotatividade e da precarização do trabalho.

A terceirização não combina com discurso de modernidade. Vejam: os terceirizados ganham em média 27% menos, não recebem treinamento adequado, têm jornada de trabalho mais extensa e, portanto, estão mais sujeitos a assédio moral, doenças e acidentes de trabalho. Eles são as maiores vítimas, como os dois garis recentemente atropelados enquanto varriam a Avenida Ipiranga, em Porto Alegre. Entre 2010 e 2013, conforme dados oficiais, 85% dos trabalhadores em situações análogas à de escravidão eram terceirizados. O trabalhador é tratado como mercadoria.

Na realidade, terceirizar só interessa aos maus empresários, como forma de reduzir os custos do trabalho e aumentar os lucros do capital. Querem baixar a folha de pagamento e concentrar ainda mais a renda.

Não é à toa que são empresários e banqueiros, grandes financiadores de campanhas eleitorais, que estão por trás dos projetos de lei que visam escancarar a terceirização para todas as atividades das empresas, como o PL 4330, aprovado sob os protestos de trabalhadores na Câmara, e agora em tramitação como PLC 030/2015 no Senado.

Os donos do capital querem terceirizar sem limites, ter “segurança jurídica” e livrar-se de milhares de ações movidas por terceirizados. Ainda bem que a pressão do movimento sindical, intelectuais, juízes e procuradores do trabalho, dentre outros, está crescendo, ganhando apoio de parlamentares e despertando a sociedade para barrar esse que representa o maior retrocesso trabalhista na história do País.

Claudir Nespolo
Presidente da CUT-RS